

Tema UNESP: Redes sociais: ferramenta de politização ou alienação social?

Código da Redação
UNESP042019

TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I


[...]

Leia abaixo o trecho de uma entrevista feita com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman pelo jornal El País, de 8 de janeiro de 2016.

[...]

Pergunta: As redes sociais mudaram a forma como as pessoas protestam e a exigência de transparência. Você é um cético sobre esse “ativismo de sofá” e ressalta que a Internet também nos entorpece com entretenimento barato. Em vez de um instrumento revolucionário, como alguns pensam, as redes sociais são o novo ópio do povo?

Resposta: A questão da identidade foi transformada de algo preestabelecido em uma tarefa: você tem que criar a sua própria comunidade. Mas não se cria uma comunidade, você tem uma ou não; o que as redes sociais podem gerar é um substituto. A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo. O papa Francisco, que é um grande homem, ao ser eleito, deu sua primeira entrevista a Eugenio Scalfari, um jornalista italiano que é um ateu autoproclamado. Foi um sinal: o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir,



não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha.

[...]

Fonte: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em 3 de janeiro de 2019. Fragmento.

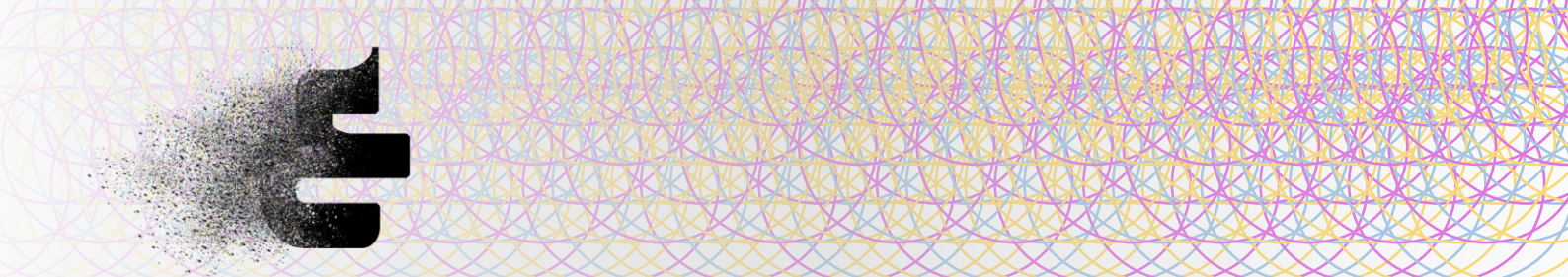
TEXTO II

[...]

As redes sociais são um importante complemento voltado à comunicação e à informação. Seu poder é consequente das possibilidades que elas proporcionam: disseminar ideologias, unir grupos, ser um palanque de discurso, oportunidade de demonstrar as insatisfações contra produtos ou empresas e mais inúmeras variantes. É nesse espaço que, atualmente, a voz, a justiça e a força em comum acontecem. Em conjunto, as ideias se tornam mais fortes. É o caso, por exemplo, das reclamações a uma marca específica: indagações no SAC das empresas raramente são escutadas e, de fato, resolvidas, mas ao postar a insatisfação em suas redes e citar os responsáveis, o problema é resolvido em questão de horas. Tudo porque a visibilidade das mídias sociais é enorme, logo, atrairia muitos olhares e opiniões negativas à empresa, que não quer ser vista de maneira desfavorável por milhares de pessoas.

Karina Miranda, especialista em mídias sociais, explica que a informação fácil alterou a estrutura das notícias e a forma de recepção das informações: “Não dá pra negar a influência que as mídias digitais tem na vida das pessoas. Já virou tão corriqueira, inconsciente. Hoje as pessoas não precisam mais que periódicos sejam entregues todos os dias de manhã na porta da casa delas porque tudo que ela precisa está há 1 clique de distância, seja no portal de notícias mais próximo ou na publicação do amigo de infância ou do colega de trabalho no Facebook”, explica Karina Miranda, especialista em mídias sociais.

“O caso de Marielle é um exemplo muito bom, apesar de se tratar de uma notícia triste. Em poucas horas, o caso já era assunto público, já estava nas mídias, nos grandes fóruns de discussão como o Twitter. O que aconteceu há poucas semanas foi um fenômeno informativo que foi muito além do fato trágico que aconteceu com Marielle, as pessoas conheceram a conheceram como mãe, lésbica, mulher, negra, periférica e responsável por um trabalho transformador na área dos direitos humanos. Reconheram a luta e a realidade dessa mulher por trás das fotos e das manchetes”, retrata Karina.



É necessário reconhecer o poder das mídias sociais na sociedade atual e revertê-la ao bem. As plataformas dão voz a quem precisa, levam informação e geram a união de seus usuários, sendo assim, que seja consumida como um espaço de debate e que a cada insatisfação, repliquem a repercussão tão fundamental em tempos de injustiças e falta de transparência na mídia e na justiça.

Fonte: <http://agemt.org/contraponto/2018/05/08/a-forca-das-redes-sociais/>. Acesso em 3 de janeiro de 2019. Adaptado.

“Redes sociais: ferramenta de politização ou alienação social?”